

Então, nesse ano, finalmente depois desde 2015, em 2023, de novo teremos os recursos do FNDCT totalmente destinados ao setor. Vocês podem ver o salto que ele deu, foram 9 bilhões, está 9 bilhões e 600, na verdade, 9 bilhões e 800. Olhando atrás, vão ver que tem um verde claro e um verde escuro, por quê? Porque metade dos recursos do FNDCT desse ano são destinados para operações da FINEP que são empréstimos, que nós chamamos de retornáveis. E metade para subvenção ou investimento puro em infraestrutura e outras iniciativas sem retorno, ou seja, que não há retorno de recursos para FINEP, são os não retornáveis.

A Ministra apresentou essa semana o plano de execução do FNDCT nos próximos anos. O objetivo é reduzir a parte destinada aos retornáveis, aos recursos que vão retornar depois à FINEP, para serem emprestados e ampliar até 75% para não retornáveis até o final da gestão do governo Lula, essa gestão atual. Eu ainda não fiz essa projeção, a gente vai atualizar essa semana agora essa tabela. Mas, a previsão para o ano que vem é saltar para 11,5 a 12 bilhões de reais, depois para 13 a 14 bilhões de reais. Ou seja, o sistema vai receber um volume de recursos nunca visto até então na ciência brasileira.

Aqui, são as linhas em que a FINEP atua. Ela faz ações não reembolsáveis, financiamento da infraestrutura de pesquisa e outros que vou abordar aqui a pouquinho. Investimentos indiretos e diretos também para empresas, fundo de investimentos e financiamento de empresas inovadoras, a gente vai abordar um pouquinho isso logo mais. Subvenção econômica, ou seja, quando ela faz também projetos de startups, de outros investimentos em empresas, que ela subvenciona a iniciativa da empresa sem perspectiva de retorno financeiro diretamente para FINEP. E ela também faz empréstimo para empresas que é uma linha que ela atua cada vez mais e que a gente vai mostrar um pouquinho mais daqui a pouco.

Aqui, essas barras, execução de 2018 para agora do FNDCT. Então você pode ver que, em 2022, teve esse salto. Depois da Lei Complementar 177, deu um salto, executou 6 bilhões e alguma coisa, em 2022. Em 2023 nós vamos executar os 10 bilhões totalmente. Não executamos mais porque, para vocês entenderem, eu assumi a FINEP no dia 27 de março. Só essa semana nós conseguimos, finalmente, nomear plenamente o nosso Conselho Administrativo. Toda gestão ainda vinculada boa parte ao governo anterior. Essa semana dois dos conselheiros renunciaram, porque o mandato deles iria até mais o final do ano. Ai, o professor Sérgio Rezende, ex-ministro de Ciência e Tecnologia assumiu uma das cadeiras, e o professor Marcos Dantas da UFRJ assumiu outra cadeira. Então, só hoje que começa a funcionar plenamente a gestão da FINEP sobre a nova gestão.

Estávamos esperando esse conjunto de ações para aprovar o Plano de Investimento, que foi feita quarta-feira agora, para a gente concluir a execução do orçamento do FNDCT.

Pois bem, aqui vocês não conseguem ler, mas isso aqui é uma coisa bastante importante. A FINEP, ela é importante financiadora de empresas. Por mais que não seja o centro, a gente não quer isso seja a atividade central dela, mas a FINEP empresta muito recurso para empresa inovadora. E a FINEP usava uma taxa, a chama TJLP, taxa de juros de longo prazo. A TJLP custava em torno de 7 a 8% ao ano, os juros. Muito próximo do que é essa briga que a gente tem com o Banco Central hoje de derrubar os juros do INPC. Pois bem, uma das iniciativas que a Ministra Luciana, eu participei também das negociações, nós conseguimos com o Presidente Lula foi mudar a taxa da FINEP. Então, a FINEP saiu do TJLP uma coisa chamada TR, taxa de referencial. Então, os juros da FINEP agora é 2% ao ano. Nós estamos executando há mais ou menos um 1 mês, 1 mês e meio, juros a 2% ao ano. Isso significa o quê? Que nós estamos agora colocando recursos para empresas que querem inovar os seus processos, os seus produtos ou serviços a um custo muito baixo, extremamente baixo.

Recentemente, o Congresso também aprovou por iniciativa do governo que 1,5% do FAT também pode ir para empréstimo de processos inovadores via BNDES a 2% ao ano também, à taxa de TR. Então, na semana que vem, no dia 06, o Presidente Lula vai anunciar a nova política de industrialização brasileira, que eu vou abordar daqui a pouquinho, em que nós vamos apresentar um projeto de financiamento da FINEP, com o BNDES, muito robusto, Deputada Elika, de 2% ao ano. As empresas poderão retomar dinheiro para modernizar os seus processos a 2% ao ano. Um juro muito barato, com período para iniciar o pagamento de 2 a 4 anos. Nos primeiros anos só vão pagar a taxa de juros, só depois que elas vão pagar o principal, ou seja, dando uma folego para que as empresas consigam se modernizar.

Para vocês terem uma ideia, essa semana a gente aprovou empréstimo para Magazine Luiza, para você terem uma ideia de como funciona isso, de 300 milhões de reais, que eles vão construir um portal para competir com a Shein, para venda online. Essa é a forma que a gente atua no mercado para ajudar o mercado, as empresas brasileiras.

Nós, recentemente, aprovamos um financiamento para uma empresa de processamento de frangos para melhorar a linha de produção de frangos pré-prontos no Brasil. Aprovamos recentemente também para uma fábrica de Lucas de Rio Verde, uma usina que faz etanol de milho, dela pegar o carbono que ela produz, capturar e jogar no subsolo, e vender bolos de carbono para a Europa. Então, a FINEP tem um papel também de indutor da inovação das empresas que estava abandonado. E com essa taxa de juros a gente passa a utilizar agora.

Nós temos três critérios para financiar uma empresa: pioneirismo, competitividade e desempenho. Dependendo do grau de inovação, por exemplo, se o projeto tem aderência à sustentabilidade, ele tem uma taxa de administração menor, ele tem um prazo maior para pagar. E, agora, nós estamos modelando com o BNDES se tiver critérios de aderência ao programa do governo, especialmente aqueles que são de inovação social, redução da desigualdade, redução da fome. Esses projetos terão também taxas mais baixas. A gente vai estabelecer uma taxa média que nós queremos e, dependendo do programa, do projeto apresentado, do impacto social que ele tem, ele terá uma diferença, um bônus de prazo para pagar e de valor de juros.

Isso aqui é importante. Isso aí é o seguinte, o MCTI, o Ministério, baixou uma portaria, Portaria 699, em que ele estabelece os eixos estruturantes da gestão agora do governo que é liderado pela Ministra Luciana.

Um dos eixos é recuperação, expansão e consolidação do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia. Aquilo que nós falamos, ainda é um sistema recente, ainda é um sistema que precisa se consolidar porque vem sofrendo solavancos. A reindustrialização e novas bases de apoio a inovação nas empresas. É isso que o vice-presidente Alckmin fala, não falamos só em desindustrializar, a gente fala em neindustrialização. Ou seja, não é criar uma indústria com base na indústria que existia antigamente, uma base nova que considere critérios novos, ou seja, inteligência artificial, as questões que trabalham com conceito de garantia dos direitos de seus trabalhadores, sustentabilidade etc.

O terceiro eixo, Ciência e Tecnologia e Inovação para programas e projetos estratégicos nacionais, ou seja, aqueles projetos que nós temos bastante massa crítica, bastante conhecimento, potencial natural que seja de fato projetos estratégicos nacionais, que eu vou abordar daqui a pouquinho.

E o quinto, Ciência e Tecnologia e Inovação para o desenvolvimento social. Isso para a gente é muito importante. Ela tem que ter aderência às necessidades da população. O país é muito injusto, então, o combate à fome, a desigualdade social é fundamental, é um dos eixos estruturantes do Ministério.

Isso aqui são os eixos temáticos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial. Uma das linhas centrais do governo Lula é a neindustrialização do Brasil. E tem alguns eixos temáticos: cadeias agroindustriais sustentáveis e digitais para erradicar a fome. O complexo de saúde, que tem muito a ver com o Rio de Janeiro, complexo industrial de saúde. O objetivo é ver se a gente consegue ao final do mandato do Lula o Brasil produzir internamente 70% daquilo que o SUS consome. É um desafio bastante ousado, mas ele é necessário. Vocês viram aí na pandemia a briga para comprar respiradores, vacinas etc. Isso tinha que disputar no tapa os aviões que traziam as coisas, os outros países arrestavam ele.

Infraestrutura sustentável para a integração produtiva. Transformação digital da indústria, uma coisa muito importante. Os processos produtivos, os sistemas estão se revertendo muito fortemente. Alguém falou aqui da inteligência artificial, e está mudando muito, a gente tem que modernizar o Brasil também nesse sentido.

Descarbonização da indústria, viabilização da transição energética e bioeconomia, que é onde o Brasil tem um potencial e pode ser referência mundial.

Tecnologias críticas para soberania e a defesa nacional. É fundamental, todas as grandes nações têm tecnologias forte na defesa nacional. A gente vê a briga lá na Ucrânia e com a Rússia, todo esse enfrentamento. A Rússia fazendo Ucrânia para que ela não entre para a OTAN. Essas coisas são fundamentais, a questão da soberania. Além da moeda, da economia, a questão da defesa é uma indústria com alta aplicação tecnológica e necessária.

Moradia e mobilidade sustentável para o bem-estar nas grandes cidades. Também é outro eixo então do eixo que a gente está chamando Conselho Nacional, eixo temático do CNDI. O Presidente Lula irá instalar, agora dia 06, o CNDI, que já está se reunindo. E apresentar uma série de iniciativas que nós já estruturamos que serão assinadas e apresentadas, dia 06 agora, na próxima quinta-feira.

Aqui, eu não vou nem entrar muito nesse detalhe. Mas aqui é projeto chamado Centelha, que é um projeto de startups que a FINEP tem trabalhado, está lançando agora seu terceiro edital, ele é faseado. E como é que funciona isso? Se essa startup é escolhida, entra com 40 mil reais, mais o dinheiro que os estados entram, que se inscrevem para ajudar essas startups, e mais 26 mil reais em bolsa CNPq. E aí é faseado. De acordo com cada fase, que as startups vão sobrevivendo, até chegar em um ponto em que ela vira uma empresa e a FINEP financia estruturação dessa empresa.

Isso aqui é um mapa do projeto de startups da FINEP. Vocês podem ver, na primeira edição nós tivemos 15 mil e tantos projetos inscritos, 490 amplos projetos aprovados, 473 projetos apoiados, mais 19 unidades da federação. Ou seja, diversos estados inclusive o Rio de Janeiro, não entrou no processo. São Paulo não entrou, uma série de estados.

No segundo, no Centelha 2, aí já ampliou o número de projetos, foram 20 e tantos mil projetos de startups, ou seja, há criatividade, há empreendedorismo, tem boas ideias para inovar a economia brasileira, o que falta é a gente apostar nisso. E o Rio de Janeiro está entrando agora, finalmente, no Centelha. Mas, podem ver que saltou de 19 para 25 estados participantes. Já é um projeto robusto que tende no processo de consolidação deixar muitas empresas sólidas de tecnologia de base científica muito avançadas no Brasil.

Aqui é o seguinte, FINEP pegou mil projetos empresariais que ela financiou para analisar o impacto social desses projetos. As empresas após o apoio da FINEP, geraram 21% a mais de empregos, 152% mais de pessoas pesquisando e desenvolvendo produto, 429% a mais patentes; produziu mais 25% de artigos publicados. Enfim, tem todo o impacto desses apoios. A gente está agora atualizando essa pesquisa. Mas vocês veem como quando você investe nas empresas, tem recurso, você tem retorno, de fato, do ponto de vista da geração de riqueza e emprego.

Aqui, Elika, é uma fala que eu estou fazendo sempre e que a gente tem feito no governo, que foi aprovado ano passado, a Lei de Inovação. Aqui, eu e Girão atuamos bastante. Nós estávamos no meio da pandemia e o Benito reclamando: "O que a gente faz?" Não é, Benito? E em uma reunião online nós decidimos retornar a questão da atualização da Lei de Inovação, aqui, do estado.

O SR. CELSO PANSEIRA - ... faz? Né, Benito? E em uma reunião online nós decidimos retornar a questão da atualização da Lei de Inovação aqui do estado. Fizemos o grupo de trabalho, conversamos com o então presidente André Ceciliano, ele nos formalizou como grupo de trabalho e, em dezembro do ano passado, aprovou-se uma nova Lei de Inovação aqui do estado. E uma das coisas que fala lá são as comprar públicas para inovação. O que é isso? E por que isso é tão importante? Nós estamos buscando ampliar a capacidade e o investimento público em Ciência e Tecnologia e Inovação. As nações mais desenvolvidas sempre gastam mais de 2% do PIB no setor. O Brasil fica 1,2, 1,5%. Para dar esse salto como é que a gente faz se o Brasil não tem condições de alocar mis recursos? Uma das formas é pegar recursos daquilo que a nação já gasta para colocar no setor. Então, eu coloquei aqui esse gráfico.

Em todas as grandes economias, o principal cliente que existe é o poder público. O Brasil comprou, ano passado, o Poder Público brasileiro, 1 trilhão e 40 bilhões de reais. O que nós estamos propondo ao governo? Que o governo pegue 2,5% disso para investir em compras públicas para inovação. Significaria jogar no sistema 26 bilhões de reais, praticamente dois FNDCT. Esse sistema está avançado.

Nós estamos criando um comitê executivo, a partir da FINEP. Semana passada foi aprovado na Casa Civil e com o Ministério de Gestão da Esther Duek, que foi professora da UFRJ. Nós vamos um sistema para o Brasil lance editais e tire das universidades ou instituto de pesquisa os seus produtos e serviços que estão lá dentro e tragam para a economia real. Essa transposição não é fácil de fazer, mas vai ser um esforço de governo. Eu vou citar aqui 2 exemplos para vocês bem-sucedidos no Brasil.

Aquele avião KC390 que virou um produto de exportação da FAB, é um investimento público para desenvolver um avião. Dinheiro público e o Brasil é sócio da patente. A vacina AstraZeneca da Fiocruz, a Fiocruz investiu 2 bilhões de reais junto a Universidade de Cambridge que a AstraZeneca e desenvolveu a vacina. Então, hoje em dia, deu certo a vacina, a Fiocruz teve direito a acessar 100 milhões de dose. E agora ela é sócia da patente e ela tem impulsividade de venda aqui no Brasil e em algumas outras nações. Então virou uma grande fonte de receita da Fiocruz, a vacina. O que nós queremos é que isso seja uma realidade.

A União Europeia lançou um ideal para resolver o problema de remédios para combater a glicose, a diabetes. Treze laboratórios associados a empresa apresentaram propostas. E a União Europeia contratou. E no final de tudo, se vai ter 1, 2 ou 3 produtos que serão remédios, que serão oferecidos do serviço público. O que nós queremos é que o Brasil invista bastante nisso.

Essa é uma outra área que nós estamos atuando. Tivemos uma grande reunião ontem em Brasília, um projeto chamado Favela 4.0, prioritariamente, que é construir nos grandes conglomerados dos grandes centros urbanos hubs de inovação. Colocar essa juventude que gosta de tecnologia, que entende de tecnologia, que procura emprego para dentro desse mercado de tecnologia. Estão envolvidos 15 Ministérios, a FINEP, o Sebrae, o BNDES. O projeto deve ser lançado em agosto, dentro de um conjunto de ações que o governo está chamando de Periferia Viva. Então nós teremos lá dentro também uma ação forte na área de Ciência e Tecnologia junto a juventude. Esse projeto atende a diversos ODS da ONU: erradicação de pobreza, educação de qualidade, emprego digno e crescimento econômico, indústria e inovação e infraestrutura, redução das desigualdades, cidades e comunidades sustentáveis, parcerias em prol de metas. Esse é um projeto bastante importante e vai ter impacto. Provavelmente lançaremos ele com o Presidente Lula aqui no Rio de Janeiro. Mas é um projeto nacional de governo. Já conversamos sobre isso e ele está andando muito bem.

Isso aqui é o que a FINEP investiu de 2013 a 2023 aqui no Rio de Janeiro, 4 bilhões 708 milhões de reais. Essa aqui é a Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Centro Tecnológico do Exército, o LNCC, são os 10 ICTs que mais investiu, as 10 empresas que mais pegaram dinheiro do estado, B2W, que é Digital Furnas Centrais Elétricas, Petrobrás, Petro Energia. Então, a FINEP, nos últimos 10 anos, investiu no estado do Rio de Janeiro 4,7 bilhões de reais.

Esses aqui são alguns exemplos do que a FINEP ajudou a construir. Lá, na UFRJ, tem o tanque oceânico, professor Valter que em uma referência mundial em pesquisa para análise de petróleo em offshore. O LNCC, que é o supercomputar Santos Dumont, em Petrópolis também, que é um orgulho da ciência brasileira. E o ônibus da COPPE. Um ônibus que trabalha com hidrogênio. ele é híbrido, com energia elétrica gerada a partir do hidrogênio.

Agora, inclusive, eu tive o prazer de, com o presidente do Instituto de Tecnológico de Maricá, assinar o contrato para a gente levar para Maricá. E a gente deve ir lá concluir o desenvolvimento dele, em Maricá. Depois, o objetivo da prefeitura é transformar a frota de Vermelinhos em ônibus sustentável. É um projeto que eu me orgulho muito de ter ajudado a estruturar.

Pois bem, eu anotei as falas. Depois eu tenho a fala feita por vocês das questões da FINEP. Eu falei 28 minutos, Elika. Tentei ser o mais sucinto possível, mas é que tinha bastante informação mesmo. eu acho que o maior desafio aqui é a gente conseguir com que o estado do Rio de Janeiro trabalhe como um sistema de inovação de ciência e tecnologia. O estado é um ator importante, e há muito tempo o estado está ausente da ciência e tecnologia. A Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia está muito ausente nesse processo. Ela não tem estratégia, não atua, não reúne, não chama os atores. E isso é muito ruim, porque você não tem uma governança que toque isso do ponto de vista do estado. E o estado perde com isso. Isso é muito ruim.

Temos recurso, temos uma infraestrutura colocada aqui muito sólida, uma das melhores do Brasil. Temos a Fiocruz, além das excelentes universidades que temos aqui, institutos de pesquisa, área militar muito sólida, tem o polo nuclear ali que está sendo construído do submarino. O Rio de Janeiro tem uma infraestrutura muito boa. Mas, o que falta aqui é estabelecer uma governança efetiva que potencialize a ciência e a tecnologia aqui no estado.

Agora, com o novo governo, o Almada estava falando, como é bom ir ao Mec, né, Almada? Com a Denise lá no Sisu e tal. Como é bom a gente conversar com pessoas que valorizam a ciência. Mas, falta ao estado do Rio de Janeiro trabalho de fato uma governança. Elika, a Comissão aqui da Alerj pode cumprir um pouquinho esse papel que o estado está se ausentando de fazer. Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Elika Takimoto) - Obrigada, Pansera. Agora, é o momento das falas da plateia, têm de dois a três minutos para falar. Depois que todo mundo falar, a palavra volta à Mesa para a gente fazer as considerações finais. (Pausa)

Pode falar, querido.
O SR. THIAGO GONÇALVES - Boa tarde a todas, a todos, a todes.

Meu nome é Thiago Gonçalves. Eu sou recém-eleito secretário Regional Adjunto da Sociedade Brasileira do Progresso da Ciência, e sou também professor de astronomia no observatório do Valongo, que é um instituto de astronomia da UFRJ.

Queria cumprimentar a Mesa, antes de mais nada, Deputada Elika Takimoto, Deputada Dani Balbi, Presidente Celso Pansera, todos os colegas aqui presentes, colega Lígia, obrigado pela fala em nome do SBPC.

E eu queria ressaltar alguns pontos e talvez trazer um pouquinho da minha experiência pessoal com o professor universitário. Queria ressaltar em particular a fala da Deputada Dani Balbi, que eu gostei muito, obrigado pela sua colocação, da necessidade da reconstrução do Sistema Nacional em particular, juntando isso com as interjeições da Deputada Elika Takimoto, do cenário, talvez de destruição, que a gente teve nos últimos anos por causa dos últimos governos. Também ressaltar, em particular, a fala da Dra Cleonice Alves sobre a importância do Sistema Público e das universidades federais nesse papel de reconstrução, que eu acho que é fundamental. E eu acho que isso é muito importante.

A gente tem que considerar a importância de ter um ambiente dentro das universidades federais que permitam esse crescimento e que permitam esse ambiente de inovação, de pesquisa de produção de conhecimento.

Acho que foi o colega Walter Issamu que trouxe também a necessidade da gente pensar na infraestrutura dentro das universidades, e por isso que eu queria colocar um pouco a minha posição pessoal, que não é só uma necessidade que a gente tem nesse momento de investimento em grandes laboratórios, isso também é necessário, mas trazendo uma experiência pessoal eu participo do projeto da construção do que vai ser o maior telescópio do mundo, com investimento orçado em alguma coisa, cerca de 1 bilhão de euros de um consórcio europeu.

Eu sou coordenador de um grupo de trabalho dentro desse consórcio, mas, ao mesmo tempo, trabalho em uma universidade que recentemente a gente teve a queda de um teto de uma sala de um de estudante de pós-graduação. Perdemos a sala, por enquanto a gente ainda não conseguiu reconstruir a sala, porque o orçamento da Universidade e o orçamento participativo dos institutos foi destruído nos últimos anos e a gente não tem ainda verba para reconstruir algumas coisas que são fundamentais, como a perda de uma sala. Eu acho que isso é importante a gente considerar.

Ao mesmo tempo, eu fui coordenador do programa de pós-graduação no meu instituto, e a gente teve nesse período um corte de cerca de 75% do orçamento do programa de pós-graduação. Esses cortes que afetaram muito essa infraestrutura de pesquisa e inovação no Brasil nos últimos anos, acho que é importante a gente pensar que não é só uma questão de poder investir na compra de equipamentos avançados, isso definitivamente é fundamental, mas a gente está em um momento em que a gente precisa reconstruir a infraestrutura básica dentro das Universidades Federais, por causa da falta de investimento que a gente teve nos últimos anos.

Então, reforçando, nesse sentido, a fala do colega Walter Issamu, a importância de talvez contar com a FINEP e contar com esse ambiente de ciência e inovação no Estado do Rio de Janeiro, e com o governo federal como parceiro, como que a gente poderia talvez contar com essa parceria para reconstruir a infraestrutura mais básica. Que seja em laboratórios de ensino, de Informática ou dessa infraestrutura mais básica, que no momento a gente não tem condição de reconstruir por essa desconstrução do orçamento universitário que a gente teve nos últimos anos.

Então, gostaria de colocar isso aqui. Em particular, trazendo a minha posição aqui como um professor universitário e a experiência que eu vivi nos últimos anos, que realmente foi muito difícil e eu acho que os meus colegas vão concordar comigo.

A SRA. PRESIDENTE (Elika Takimoto) - Obrigada querido. Quem mais?

O SR. ALEXANDRE - Boa tarde. Queria parabenizar as Deputadas Dani e a presidente da comissão, a Elika Takimoto, e estendendo reconhecimento da importância desse momento a todos os demais integrantes da Mesa. Houve muitas coisas legais aqui.

Meu nome é Alexandre, eu sou da Gerência Nacional de Educação do SESC, e houve muitas coisas bacanas aqui, a começar pela presença do pensamento voltado para as Ciências Humanas, mas queria destacar, tenho certeza que a Deputada está atenta a isso - eu a sigo nas redes sociais, sou seu eleitor, sou ciclista, como você...

A SRA. PRESIDENTE (Elika Takimoto) - Obrigada.

O SR. ALEXANDRE - ... a divulgação da ciência.

Nós falamos em produção, falamos em inovação, mas a gente não falou a divulgação. Esse mês vamos ter a 75.ª Reunião da SBPC em Curitiba, em outubro teremos a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, iniciativa do professor Iudeu, desde 2004, é o maior evento de divulgação, e ouvimos a doutora Cleonice falar que é uma preocupação dela, que a sociedade pouco participa disso, pouco é informada sobre isso e quase todas as instituições de ensino aqui presentes tem o equipamento desse. Temos o LADIF, temos em Nilópolis, o IFRJ, temos a Casa da Ciência, o museu da vida da Fiocruz, equipamentos estratégicos para que a sociedade possa participar, e é da sociedade que vem a mobilização que, por exemplo, originam um comitê desse, de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Então, a gente precisa olhar também para esse lado com todo o carinho e importância que a gente dá para a produção, para a inovação, para a ciência e tecnologia. Era isso que eu queria trazer aqui.

A SRA. PRESIDENTE (Elika Takimoto) - Obrigada.

O SR. THALES - Bom dia a todos.

Meu nome é Thales, estou aqui representando a Deputada Marina do MST. Ela pediu para justificar a ausência dela, porque ela está em uma outra audiência pública em São João da Barra, sobre os impactos socioambientais dos grandes empreendimentos.